

Os não lugares não existem: uma visão crítica na pós-modernidade

Marcus Vinicius Fraga*

Resumo

O presente artigo visa fazer uma análise da relação do termo “não lugares”, cunhado por Augé (2010) com a finalidade de definir o perfil do lugar de interação da pós-modernidade. Para isso, primeiramente faremos a apresentação das características básicas da pós-modernidade. Após, trataremos de discutir a questão da identidade nessa condição social e como presenciamos a compressão do espaço pelo tempo na vida líquida, forma que Bauman (2009) escolhe para denominar o que outros autores também denominam de pós-modernidade. Por fim, apresentaremos o conceito de não lugares em um contexto de cibercultura para demonstrar que, de fato, os não lugares não existem.

Palavras-chave: pós-modernidade; não lugares; cibercultura.

Abstract

This article aims to analyze the relationship of the term "not-places", coined by Augé (2010) in order to define the profile of the place of interaction in postmodernity. First we will present the basic features of postmodernity. Then, we will discuss the issue of identity in the postmodernity and how we witness the compression of space by time in the liquid life, the term that Bauman (2009) chooses to describe what other authors have also called postmodernity. Finally, we introduce the concept of not-place in a context of cyberculture to demonstrate that, in fact, there are any not-place.

Keywords: postmodernity; not-place; cyberculture.

(*) Jornalista graduado pela Universidade Estadual de Londrina; especialista em Política e Relações Internacionais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (lato sensus); mestrando em ciências sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: marcusviniciusfraga@yahoo.com.br

Introdução

Se no Estado moderno a primazia era o monopólio dos meios de violência (o poder coercitivo), na pós-modernidade presenciamos sua mercantilização e privatização. É cada vez mais comum presenciar comunidades e sociedades que contratam mercenários para fazerem a segurança pessoal ou muitas vezes até a guerra. Para Lyotard (2009), a condição pós-modernidade passa a ver a vida fundamentada na razão científica capaz de comprimir a informação em bits. A lógica de uma vida metafísica deixa de ser o norte dessa sociedade. Entretanto, a existência é contraditória e, por isso mesmo, não podemos falar de uma “morte” ou fim da espiritualidade.

A condição pós-moderna afirma que sem saber científico e técnico – sem a apropriação do poder simbólico (Bourdieu, 2006) – não se tem riqueza. A pós-modernidade seria o estado de cultura que surge após as transformações materiais de produção – Segunda Revolução Industrial, no século XIX. Lyotard (2009) afirma que nesta era o saber espiritual começa a se dissociar do saber científico. E esse passa a ser o principal valor social.

Anderson (1999) diz que o surgimento da pós-modernidade é marcado por dois momentos históricos: a ascensão de uma classe operária pós-industrial, o fortalecimento do mundo Oriental e a apropriação que este faz do desenvolvimento do modernismo Ocidental no intuito de lutar contra uma condição de desenvolvimento anglo e euro-centrada (o Japão incluído). Vivemos a era de pluralidades, polaridades ultrapassadas (esquerda e direita deixam de ter importância para escolhas e posicionamentos políticos).

A pós-modernidade está ligada ao surgimento de uma sociedade pós-industrial onde o poder simbólico determina e é determinado pelo poder econômico – mais determina do que é determinado, pois os custos de produção simbólica vêm caindo significativamente e tornando possível a apropriação de tecnologias de forma inimaginável no início do século XX.

Lyotard (2009) fala que a pós-modernidade é um mundo pasteurizado e uniformizado, no qual a democracia liberal é o único modelo social possível. “Não podia haver nada mais que o capitalismo. O pós-moderno foi uma sentença contra as ilusões alternativas” (Anderson, 1999, p. 54).

Hoje, o pós-modernismo é, sobretudo, uma mudança cultural em um novo estágio social de produção. As tecnologias de eletrônica

e de comunicação são seu principal aparato. Elas são também as principais fontes de lucro em uma economia dominada por corporações multinacionais, as quais diversificaram suas operações produtivas para países onde os salários e garantias dos trabalhadores são mais baixos, e as margens de lucro são maiores.

O capitalismo da pós-modernidade cria uma nova classe de empregados dos setores de serviços e especulativo: acompanhamos o aburguesamento da antiga classe operária (Anderson, 1999). Dessa forma, o modelo de análise marxista que enxergava o proletariado e a burguesia precisa ser atualizado para este novo contexto social. Acompanhamos o surgimento de uma elite internacionalizada. Vivenciamos a era em que o domínio ocidental passa a ser contestado e sobrepujado. O pós-modernismo é dominado pelas máquinas de produção de reprodução de imagens, um bombardeio de “tagarelice visual”, como denomina Anderson (1999).

Identidade

A pós-modernidade traz a fragmentação das identidades culturais. Presenciamos uma alteração substancial na estrutura social de classes, raça, etnias, gênero e sexualidade e nacionalidades. As transformações alteram o que no passado era a base sólida do indivíduo. Isso remete à perda no indivíduo de sua própria identificação. Presenciamos a crise de identidade social. De acordo com Giddens (1991), podemos chamar esse momento de modernidade tardia. “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (Hall, 2006, p. 12).

O indivíduo se tornou superficial. A identidade cultural passa a ser móvel e se adapta de acordo com os momentos. Uma identidade unificada, completa e segura se torna uma ilusão. Presenciamos a era do sujeito contraditório, indivíduos que muitas vezes possuem identificações sociais anteriormente pensadas como conflitantes (alguém comunista e católico, por exemplo, seria inimaginável por Marx). “O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo” (Bauman, 2005, p. 35).

Presenciamos a pluralização das culturais e identidades nacionais, diretamente influenciadas pela presença de “enclaves” étnicos na sociedade ocidental – e, por que não, também nos países de periferia. A globalização mostra-se contraditória e fluída, pois valoriza identidades culturais locais dentro de um contexto global. A pós-modernidade apresenta a tendência de perda do protagonismo do ocidente.

O sujeito passou a ser determinado por um falso discurso de independência, que na verdade o torna aleatório e fragmentado. Uma espécie de consumismo introjetado é o verdadeiro mote do discurso pós-moderno: essa é a evolução da condição do sujeito que ele traz.

A ideia de universalidade envolve o conceito de identidade: para certos objetivos políticos, mas de jeito nenhum para todos os objetivos, se devem tratar os indivíduos da mesma forma. “Identidade” significa aqui, por exemplo, que você não tem mais direito a uma maior autoridade política que eu só porque por acaso seu pai é o Lorde Tenente de Shropshire. No entanto, a identidade se constitui um dos maiores bichos-papões do pensamento pós-moderno, numa época em que muitíssimas pessoas definham por falta dela. (Eagleton, 1998, p. 123)

Uma das maiores dificuldades atuais está em se manter fiel a uma identidade por muito tempo, o que gera uma ausência de pontos de referência duradouros e gerando a angústia de uma vida vazia. “(...) os mal-estares, aflições e ansiedades típicos do mundo pós-moderno – resulta do gênero de sociedade que oferece cada vez mais liberdade individual ao preço de cada vez menos segurança. Os mal-estares pós-modernos nascem da liberdade, em vez da opressão (Bauman, 1998, p. 156).

Além disso, a “exclusão” gerada nas pessoas que não possuem o poder da escolha é outra fonte pulsante de mal-estar. “A lógica do consumismo serve às necessidades dos homens e das mulheres em luta para construir, preservar e renovar a individualidade e, particularmente, para lidar com sua já mencionada aporia” (Bauman, 2009, p. 36). A individualidade custa caro e está diretamente determinada pelo poder de consumo: ela é um privilégio. Essa síndrome colocou o valor de novidade superior ao de permanência. É uma sociedade em que a “exclusão” está estruturada.

Presenciamos o vislumbre de uma elite global que contrasta com a miséria de quem não pode escapar da condição local. A pós-modernidade exige que nos mantenhamos em enorme velocidade. E cada vez mais vamos ficando exaustos desse ritmo do que antes era uma aventura divertida. “Num ambiente líquido-moderno, as identidades talvez sejam

as encarnações mais comuns, mais aguçadas, mais profundamente sentidas e perturbadoras da *ambivalência*” (Bauman, 2005, p. 38, grifos do autor).

Ser membro das subclasses representa ter a identidade negada, uma espécie de ausência de identidade. “Você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas” (Bauman, 2005, p. 46).

Com a expansão da economia capitalista, acompanhamos por outro lado o surgimento de um contingente volumoso de rejeitados. “No presente estágio planetário, o 'problema do capitalismo', a disfunção mais gritante e potencialmente explosiva da economia capitalista, está mudando da exploração para a exclusão” (Bauman, 2005, p. 47).

Depender das garantias sociais do Estado passou a ser mais um estigma para os excluídos que não conseguem caminhar por conta própria. Uma pessoa sensata não confia mais no Estado para suas garantias sociais básicas – educação, saúde, segurança, e previdência social. As pessoas se sentem abandonadas à própria sorte e a seus próprios recursos. É um mundo esvaziado de valores.

Vida líquida

Vida líquida é a forma como Bauman (2009) caracteriza a pós-modernidade. “Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (Bauman, 2009, p. 7). De acordo com essa visão, o valor de um bem material ou imaterial se dissolve em uma velocidade absurda. Na vida líquida, acompanhamos uma reorganização radical do tempo e do espaço e as pessoas vivem em uma condição de incerteza constante. “As preocupações mais intensas e obstinadas que assombram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca” (Bauman, 2009, p. 8).

Nessa vida, a indústria de remoção de lixo ganha papel fundamental nessa sociedade. O que é consumido é para uso prazeroso e instantâneo, e descarte imediato. É o horror da expiração. “A necessidade aqui é correr com todas as forças para permanecer no mesmo lugar, longe da lata de lixo que constitui o destino dos retardatários” (Bauman, 2009, p. 10).

A elite global, ou seja, pessoas que conseguem circular próximas ao poder global, são as que possuem mais chances de sucesso nesse mundo. Para elas, o espaço e a distância não é problema. Para ser bem sucedido, precisa-se dispor do desapego a qualquer ideologia, territorialidade e solidariedade. O que impera é o consumo. E o principal medo é o de ser jogado no lixo.

“A sociedade de consumo tem por premissa satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pôde realizar ou sonhar. A promessa de satisfação, no entanto, só permanecerá sedutora enquanto o desejo continuar irrealizado” (Bauman, 2009, p. 105). A não realização dos desejos, portanto, é a premissa. Além, disso, imediata depreciação e desvalorização dos produtos consumidos são fundamentais para manter vivo o desejo infinito pelo consumo.

Outra característica pontuada por Bauman (2009) para a vida líquida é um mercado de trabalho fluído e instável. A incerteza é o principal instrumento de dominação através de uma política de precarização das garantias sociais e trabalhistas. Outra perversão profissional é a que as pessoas são pressionadas por uma realidade que as obriga a estar constantemente renovando seus conhecimentos técnicos para não correrem o risco de serem deixadas para trás. Corremos e não saímos do lugar. Mas, se paramos, somos deixados para trás.

Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluída”. E os fluídos são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. Num ambiente fluído, não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca – é melhor estar preparado para as duas possibilidades. (Bauman, 2005, p. 57)

Compressão espaço-tempo

O surgimento da pós-modernidade determina e é determinado pelos desenvolvimentos tecnológicos dos aparatos de comunicação global (de acordo com as teorias construtivistas, acreditamos que há uma influência híbrida). A aceleração dos fluxos de trocas simbólicas é uma das principais características dos tempos atuais. Além disso, o espaço global passa a ser virtual – no sentido de possuidor do potencial de vir a se tornar algo,

de acordo com Levy (1999). O lugar das práticas sociais passa a poder acontecer – ter o potencial de ocorrer – em qualquer espaço no globo. É a destruição do espaço pelo tempo. Presenciamos uma mudança na concepção pós-moderna de tempo e espaço.

A objetividade do tempo e do espaço advém, em ambos os casos, de práticas materiais de reprodução social; e, na medida em que estas podem variar geográfica e historicamente, verifica-se que o tempo social e o espaço social são construídos diferentemente. Em suma, cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço. (Harvey, 2006, p. 189)

Entretanto, o lugar onde construímos nossas raízes continua fixo em algum determinado território real. Não podemos deixar de ressaltar a importância histórica do surgimento do Estado Nação a partir do século XV como marco para o nascimento da era pré-moderna e também das culturas nacionais. Na pós-modernidade, esta identidade nacional intensifica-se e ocorre valorizações dos regionalismos e suas peculiaridades. A nacionalidade é como uma natureza essencial que nos pertence: ela continua sendo representada como unificada.

Presenciamos o aumento do valor de lugar. Pertencer a uma localidade (não necessariamente um país) é uma busca do indivíduo. Também devemos pensar em uma nova articulação entre o global e o local, pois “(...) parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais” (Hall, 2006, p. 78). Acreditamos que iremos presenciar novas formas de identificações globais e locais que podemos dialogar entre si. Evidente que até então o fluxo de símbolos vêm fluindo muito mais do “centro” (as sociedades ditas ocidentais, mais o Japão) do que da periferia.

Por outro lado, vemos a ampliação da produção de produtos culturais nas periferias do planeta. Ainda é cedo para dizer que a tendência é ocorrer uma inversão do poder de disseminação dos núcleos produtores. Mas, não podemos deixar de ressaltar que uma das características da pós-modernidade é justamente a possibilidade do “centro” deixar de ser a referência do sistema. E isso pode ser observado na ampliação dos fluxos migratórios de pessoas, que acabam por levar sua cultura e seus valores para a sociedade ocidental.

Sociedade do consumo

O consumismo é o combustível da pós-modernidade. Um consumo ávido, embora nunca satisfatório. “Na memorável frase de Hannah Arendt, *a autonomia do homem transformou-se na tirania das possibilidades*” (Bauman, 1998, p. 93, grifos do autor). Por sua vez, quanto maior a liberdade de escolha, maior o nível na hierarquia social pós-moderna.

No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a *identidade*, ficam reduzidas a uma espécie de *língua franca* internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Esse fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural”. (Hall, 2006, pp. 75-76, grifos do autor)

Essa língua franca é o consumismo como ideologia da busca de identidade. Na pós-modernidade, a ideia de virtualidade do dinheiro chega a seu extremo. Passa-se a adotar o armazenamento dos dados em *bits* e *chips* de computador, circulando em um universo intangível. Um simples clique pode fazer com que ele se multiplique ou desapareça. A economia financeira global vem aperfeiçoando cada vez mais esse mecanismo.

Mas, para que a lógica desse sistema tenha efetividade é preciso que haja confiança em seu funcionamento. Não é à toa que, crise econômica após crise econômica, os governos dos Estados Nações correm para garantir publicamente que o valor de troca da moeda virtual em poder de compra material tangível está garantido. A confiança no funcionamento do sistema é criada socialmente, não é algo dado pela natureza. “A confiança não é o mesmo que fé na credibilidade de uma pessoa ou sistema; ela é o que deriva desta fé” (Giddens, 1991, p. 41).

Segurança e liberdade

A comunidade surge como o lugar do confortável, aconchegante e seguro. A ambivalência do indivíduo moderno está nele ter sua autonomia e direitos estimulados, gerando sua emancipação, ao mesmo tempo em que depara com uma insegurança crescente. A liberdade é a capacidade de fazer o que quisermos como quisermos sem que ninguém interfira. E essa liberdade da pós-modernidade por outro lado gera insegurança quanto ao sentido existencial, por exemplo.

A busca pela segurança cria enclaves fortificados (Caldeira, 2000), que funcionam como comunidades panópticas, prisões econômicas de uma elite arredia ao contato e miscigenação social. “(...) comunidade significa mesmice, e a 'mesmice' significa a ausência do outro, especialmente um outro que teima em ser diferente, e precisamente por isso capaz de causar surpresas desagradáveis e prejuízos” (Bauman, 2003, p. 104).

Esse fechamento social dificulta a formação de comunidades com interações entre diferentes classes sociais em um mesmo ambiente físico. A contradição dessa forma de existência é que ao mesmo tempo que as pessoas optam por ela acreditando que terão mais liberdade, na verdade acabam com mais insegurança. A segurança seria justamente a busca pela interação social. “A segurança é a inimiga da comunidade cercada de muros e protegida por cercas” (Bauman, 2003, p. 127). Os enclaves fortificados nada fazem para diminuir a distância do outro, mas sim para impossibilitar ou aumentar essa distância.

Os não lugares

Augé (2010) afirma que os não lugares são tanto vias e instalações necessárias para a aceleração das trocas e interações de mercadorias entre pessoas, espaços de interação internacionais onde há uma espécie de identificação visual universal, um local onde existiria uma cultura global desterritorializada: os meios de transporte (aeroportos, rodovias expressas, etc.), grandes centros comerciais (*shopping centers*, por exemplo), e assentamentos de refugiados e espaços de estabelecimento momentâneos (como as grandes cadeias de hotéis).

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade [ou, de acordo com outros autores, a pós-modernidade] é produtora de não lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos. (Augé, 2010, p. 73)

O autor também nos explica que os não lugares, assim como os lugares que possuem uma identidade, nunca se realizam totalmente. Os não lugares são a medida do atual momento histórico e sociológico no qual nos encontramos. A pós-modernidade encontra sua melhor representação

nos não lugares, pois são espaços que pretendem não abrigar quaisquer sociedades. “O espaço do viajante seria, assim, o arquétipo do *não lugar*” (Augé, 2010, p. 81, grifos do autor). A supermodernidade, que Augé (2010) relata, na verdade traz experiências e vivências solitárias relacionadas ao surgimento e disseminação dos não lugares. Esses espaços estão permeados por duas realidades distintas: a forma como os indivíduos se relacionam com certas finalidades (os meios de transporte, comércio, lazer, por exemplo) e a relação que os indivíduos estabelecem com esses espaços (relações efêmeras e de consumo imediato). “(...) os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não lugares criam *tensão solitária*” (Augé, 2010, p. 87, grifos nosso).

Quando tratamos do espaço digital (ou ciberespaço) buscamos o entendimento do universo que nos leva à possibilidade de existência da sociedade em rede de Castells (2006). Simplificadamente, digital se refere ao decodificado em linguagem binária (0 e 1). Digitalizar é traduzir determinada informação em números. O computador como ferramenta dessa digitalização nos apresenta a possibilidade de virtualizar a informação, de tratá-la como código do que “pode vir a ser”.

Da mesma forma, quando falamos da interatividade que a cibercultura nos apresenta também estamos tratando do uso do aparato computador. A interatividade está baseada na possibilidade de personalização da mensagem recebida, da reciprocidade do conteúdo transmitido, da virtualidade da informação que determina seu cálculo e apropriação em tempo real, da implantação da imagem do participante frente a informação que está sendo transmitida, e da telepresença.

Com a cibercultura temos uma alteração profunda da forma como se sucede a informação entre os indivíduos. Essa alteração provoca uma mudança que é em relação à totalização. Com as outras mídias, a questão da segmentação de mercado não foi explorada, pois elas sempre foram caracterizadas como de massa e, por isso, buscam um denominador comum do consumo de informação e entretenimento dos receptores para atingirem a maior quantidade de consumidores do capital informação.

Mas, na cibercultura isso não existe. Apesar de ser uma mídia de massa, a amplitude do ciberespaço torna possível a inexistência de um denominador comum. Com o advento do ciberespaço veio a percepção do universal (ideia da entrada da informação constantemente e que não tende a parar): há uma mudança na forma como é tratada a informação e o entretenimento. A ideia de totalização é alterada, já que as pessoas

passam a buscar conteúdos de acordo com seus interesses e também passam a ser produtoras de conteúdos.

A cibercultura é fundada no pensamento da inteligência coletiva e provoca mudança na pedagogia da aprendizagem: os conhecimentos deixam de ser preestabelecidos e passam a ser em fluxo. O desenvolvimento racional da informática mira não a inteligência artificial, mas sim a inteligência coletiva resultante da otimização das tecnologias já existentes. O ciberespaço é o território da inteligência coletiva.

O ciberespaço, interconexão dos computadores do planeta, tende a tornar-se a principal infraestrutura de produção, transação e gerenciamento econômicos. Será em breve o principal equipamento coletivo internacional da memória, pensamento e comunicação. Em resumo, em algumas dezenas de anos, o ciberespaço, suas comunidades virtuais, suas reservas de imagens, suas simulações interativas, sua irresistível proliferação de textos e de signos, será o mediador essencial da inteligência coletiva da humanidade. Com esse novo suporte de informação e de comunicação emergem gêneros de conhecimento inusitados, critérios de avaliação inéditos para orientar o saber, novos atores na produção e tratamento dos conhecimentos. Qualquer política de educação terá que levar isso em conta. (Levy, 1999, p. 167)

As principais características do ciberespaço são: desterritorialização, mundialização da cultura e da informação, exclusão digital. O primeiro termo nos explica que o advento da cibercultura nos leva a uma sociedade onde a localização geográfica não mais determina quem terá o capital informação em mãos. O que determina este poder é a modalidade de acesso ao ciberespaço (qual o tipo de computador usado, qual a velocidade de conectividade, qual o custo para a aquisição deste dois tópicos, e qual a liberdade de acesso aos conteúdos deste território digital).

Considerações finais

Vivemos a era da desorientação política, como afirma Eagleton (1998). A vida pós-moderna é marcada pelo fracasso político. O poder foi desatrelado do local e regional, e passou a estar imbricado no global. As demandas sociais se focaram na conquista de direitos individuais – não podemos deixar de ressaltar a importância desses direitos – mas, abandonaram os fundamentos de transformação estrutural da sociedade moderna.

Nós nos sentiríamos, por exemplo, forçados a afirmar que sua única conquista mais duradoura – o fato de que ajudou a colocar questões de sexualidade, gênero e etnicidade com tanta firmeza na pauta política, a ponto de não concebermos sua retirada sem uma luta tremenda – nada mais foi que um substituto para formas mais clássicas de política radical, que trabalhava com classe, estado, ideologia, revolução, modo materiais de produção. (Eagleton, 1998, pp. 30-31)

A essa revisão histórica específica do ocidente não podemos deixar de atribuir valor. Evidente que há ganho para grupos corriqueiramente humilhados e vituperados. Mas, fundamentalmente, essa realidade traz um novo cenário para os movimentos de luta de classe, os quais precisam passar por uma revisão geral em seu discurso e prática para conseguirem atrair uma juventude em busca de identidade. O sujeito passou a ser determinado pelo conjunto diverso de forças com a qual interage. “Se a teoria pós-moderna acredita realmente que historicizar é ipso facto radical, com certeza está equivocada. Ela presume que historicizar diz respeito sobretudo à esquerda, o que não é de forma alguma o caso” (Eagleton, 1998, p. 40).

Historicamente, podemos dizer que a pós-modernidade é marcada pelo neoliberalismo econômico e o discurso único:

A maioria dos sistemas políticos democráticos desloca-se, atualmente, dos modelos de domínio dos partidos ou parlamentar em direção ao modelo de “domínio da pesquisa de opinião”, em que a composição das plataformas políticas e a tomada de decisões sobre temas controversos são guiadas pela ponderação antecipada da relativa popularidade do futuro do ato e pela cuidadosa avaliação dos ganhos e perdas eleitorais previstos – o total de votos que uma dada medida possa atrair e o total de eleitores que ela possa afastar. Como tem sido observado por cientistas políticos, essa atitude conduz, na prática, ao domínio do princípio do “votante médio”. (Bauman, 1998, p. 82)

A pós-modernidade nega o transcendental e metafísico, afirmando que se tratavam de grandes narrativas, mas ao decretar o final delas acaba caindo em contradição: pontuar o fim da história também é uma forma transcendental e metafísica – pois é uma ilusão –, já que não passa de uma crença. Se não podemos nos sujeitar à crítica radical isso também é uma forma subjetiva de transcender a realidade.

O termo chave da pós-modernidade é dizer que não existem valores superiores, mas sim diferentes. Entretanto, essa é uma forma de proteção

a críticas inquisitivas que o sistema encontrou para se auto proteger, ao mesmo tempo em que mostra suas credenciais liberais. É a ditadura da cultura do mercado. Tenta-se criar mercadoria e valor de troca com o discurso da inclusão total, o que não passa de uma falácia. Vivemos o presente conflituado (Eagleton, 1998).

Uma das principais ambivalências – contradições – do pós-modernismo é a oposição política que ele permite, mas não admite que não haja cumplicidade econômica. Entretanto, o discurso da inclusão e pluralização total falha ao não perceber que o que funciona ideologicamente muitas vezes não funciona no nível do mercado. O mal-estar da pós-modernidade se encontra em determinados aspectos. E o aumento dos fluxos migratórios é um deles. Todo estranho traz um impacto a uma comunidade em sua chegada, pois ele despedaça a segurança das crenças estabelecidas, já que não partilha dos ideais locais quando de sua chegada. O filme *O enigma de Kaspar Hauser*, do diretor alemão Werner Herzog, é um exemplo dessa presença perturbadora que a chegada do estranho provoca na localidade. A chegada do estranho provoca um desalinhamento da ordem social estabelecida. Em um mundo em constante movimento, uma das grandes angústias está na presença do diferente. O imigrante, nessa lógica, é aquele que causa asco pelo medo que possuímos do diferente. E os não lugares recebem um fluxo grandioso de migrantes, eles se tornam espaços de perturbação social. “Se os imigrantes inquietam tanto (e muitas vezes de maneira tão abstrata) as pessoas instaladas, talvez seja, em primeiro lugar, porque eles lhes demonstram a relatividade das certezas inscritas no solo (Augé, 2010, p. 109).

Dentro de uma estrutura de uma civilização concentrada na segurança, mais liberdade significa menos mal-estar. Dentro da estrutura de uma civilização que escolheu limitar a liberdade em nome da segurança, mais ordem significa mais mal-estar.

[...] Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provém de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais.

Qualquer valor só é um valor (como Georg Simmel, há muito, observou) graças à perda de outros valores, que se tem de sofrer a fim de obtê-lo. Entretanto, você precisa mais do que mais falta. Os esplendores da liberdade estão em seu ponto mais brilhante quando a liberdade é sacrificada no altar da segurança. (Bauman, 1998, pp. 9-10)

A maior pressão da pós-modernidade é a de desestabilizar o poder do coletivo para que ele não possa interferir nas escolhas individuais. Por isso mesmo, o coletivo tende a ser desregulamentado e privatizado. É a vida sob a condição de incerteza permanente. “A sedução do mercado é, simultaneamente, a grande igualadora e a grande divisora” (Bauman, 1998, p. 55).

Em relação à segurança que nos é dita que os não lugares possuem, isso está diretamente atrelado a uma ideologia que visa criar uma exclusão entre uma classe que consegue se internacionalizar e outra que fica presa a um determinado território. Esta classe operária da cibercultura que vem se tornando cada vez mais uma burguesia internacionalizada acredita que possui inserção em qualquer ambiente internacional, pois ela apreendeu as características de comportamentos e identidades visuais comuns aos não lugares. Ela vive um consumismo pasteurizado, acredita que é possível ter uma interação desatrelada da territorialidade. Entretanto, se engana ao pensar dessa forma. Mesmo que queiramos nos desvincular de alguma identidade cultural local para possuímos uma identidade cultural global carregamos conceitos e características do espaço onde fomos socializados, principalmente sobre o ponto de vista linguístico. Fazendo uma analogia com a letra da banda de Rap Racionais MC's, “você pode sair da favela, mas a favela nunca sai de você”, ou, de acordo com a leitura que propomos para este artigo, *você pode sair de sua territorialidade, as sua territorialidade nunca deixará de lhe pertencer*. É por isso que acreditamos que os não lugares não existem – eles sempre possuirão em algum nível uma identidade territorial, um jeito peculiar e específico de existir, por mais que neguem isso.

Referências bibliográficas

ANDERSON, P. (1999). *As origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

AUGÉ, M. (2010). *Os não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papirus.

- BAUMAN, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Zahar.
- _____. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (2009). *Vida líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- BOURDIEU, P. (2006). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- CASTELLS, M. (2006). *A sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura)*. São Paulo, Paz e Terra.
- CALDEIRA, T. (2000). *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Editora 34.
- EAGLETON, T. (1998). *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- GIDDENS, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista.
- HALL, S. A. (2006). *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A.
- HARVEY, D. (2006). *Condição pós-moderna*. São Paulo, Edições Loyola.
- LÉVY, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo, Editora 34.
- LYOTARD, J-F. (2009). *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro, José Olímpio.